

O BRASIL SE ENDIVIDOU PARA IMPORTAR COISAS INÚTEIS PARA OS TRABALHADORES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O São Paulo, 19.07.1980

O Brasil é um país cheio de dívidas. No fim do ano a dívida externa brasileira atingirá 40 bilhões de dólares, ou, se quisermos falar em moeda nacional, quase 800 bilhões de cruzeiros. Por outro lado o Brasil terá créditos no exterior, reservas em dólares depositadas nos bancos fora do País, de aproximadamente 10 bilhões de dólares. Portanto, nossa dívida externa líquida, descontado o que devemos lá fora, será de 30 bilhões de dólares ou 600 bilhões de cruzeiros. É dinheiro para valer!

Um trabalhador brasileiro cujo salário seja um pouco maior do que o salário mínimo, ganhará por ano mais ou menos 20 mil cruzeiros. Pois bem, se todo o salário desse trabalho fosse usado para pagar a dívida externa do Brasil, ele precisaria trabalhar 30 milhões de anos. Ou então seriam preciso 30 milhões de trabalhadores entregando todo o seu salário para que a dívida pudesse ser paga em um ano. No Brasil o número de trabalhadores ativos é pouco maior do que 30 milhões.

Mas essa comparação talvez não seja a melhor forma de avaliarmos o significado da dívida externa brasileira. Mais importante é saber duas coisas: primeiro, se a dívida nos deixa nas mãos dos credores, dependendo deles, sempre ameaçados de falência; segundo, se o dinheiro que o Brasil tomou emprestado foi bem empregado.

Vejam o primeiro ponto. Uma dívida é perigosa quando podemos ter dificuldade em pagá-la. É claro que os 40 bilhões de dólares não precisam ser pagos em um dia, e é certo que temos os 10 bilhões de reservas. Mas mesmo assim, precisamos, neste ano de 1978, pagar entre juros e a própria dívida uma prestação de aproximadamente 7,5 bilhões de dólares. Ora, o Brasil exportará em 1978 aproximadamente 12 bilhões de dólares. Isto significa que mais da metade do que o Brasil ganha com o que ele vende para os outros países ele vai ter que usar para pagar a prestação de suas dívidas. Imagine você na mesma situação, tendo que pagar uma prestação maior que a metade do seu

salário, e tendo ainda que sustentar a família. O Brasil, com o dinheiro de suas exportações não “sustenta a família”, mas faz uma coisa semelhante: importa bens para a indústria (matérias primas, máquinas), para a agricultura (fertilizantes), para os transportes (petróleo) e para a alimentação (trigo).

É claro, portanto, que o Brasil não pode reduzir para a metade de suas importações para pagar a dívida e os juros. A solução é fazer mais dívidas crise qualquer, se eles perdem a confiança, o Brasil ficará em uma situação difícil. Além disso, temos que tomar cuidado com tudo o que fazemos, temos que agir como devedores bem comportados. Senão eles nos cortam o crédito. Isto significa que ficamos dependendo dos nossos credores porque devemos tanto. Por exemplo, se tomarmos algumas medidas que prejudicam as empresas multinacionais, as empresas estrangeiras, pode tornar-se difícil obtermos novos créditos. Nossa independência fica, portanto muito relativa.

Vejamos agora o segundo ponto. Já está claro que essa dívida é perigosa, nos deixa nas mãos dos nossos credores. Mas se empregamos bem o dinheiro que tomamos emprestado, a coisa não será tão ruim assim. Vamos ver.

Para responder a essa questão é preciso ser quais são as coisas que nós importamos com o dinheiro tomado emprestado. E a primeira impressão é a de que empregamos razoavelmente bem o dinheiro que deu origem a dívida. É verdade que importamos alguns bens de consumo de luxo, completamente desnecessários, como automóveis Mercedes Benz, bebidas estrangeiras caras. Mas não é muito. A maioria de nossas importações é constituída de máquinas, matérias primas e petróleo.

Mas não podemos para aí. É preciso saber para que fazemos essas importações. Para melhorar o padrão de vida dos trabalhadores? Para aumentar seus salários? De jeito nenhum. Uma parte pequena das importações tem essa finalidade. São as importações realmente essenciais. Não foram essas importações, entretanto, que provocaram a dívida externa. Se o Brasil importasse exclusivamente mercadorias, geladeiras, máquinas de lavar roupa, aparelhos de alta fidelidade, revistas cheias de cores, tecidos com matéria importada, edifícios e residências cheias de alumínio e material sintético, estradas e avenidas asfaltadas em quantidade para os automóveis circularem. Esses produtos só podem ser produzidos no Brasil se forem compradas no exterior máquinas e matérias-primas, se forem pagas patentes e lucros para as empresas multinacionais. E foi comprando esses bens que o Brasil se endividou.

Não se pode dizer que tenha sido uma dívida improdutiva. Que tenha sido puro desperdício. Para os riscos essa dívida foi e continua sendo muito útil. É uma das bases do chamado “modelo brasileiro”. É uma forma de manter as enormes desigualdades nesse País. Mas para os trabalhadores, para o povo, essa dívida é quase só prejuízo. Os trabalhadores nada se beneficiaram com ela, como seus salários de fome e estagnados comprovam, mas são eles que vão ter que pagá-la. Pagá-la com seu trabalho, com seu esforço. Porque são os trabalhadores os únicos que produzem riqueza.

Em uma sociedade capitalista como a brasileira esta é a regra: os trabalhadores produzem as riquezas, mas não se beneficiam dela. No caso da dívida externa essa situação fica muito clara. Os trabalhadores em nada se beneficiam com a dívida, com os bens importados que nos tornaram endividados. Mas, daqui para frente, muitas mercadorias que poderiam ser verdadeiros produtores de riqueza que são os trabalhadores, sem tê-los beneficiado. Aquilo que foi importado e transformado em bens de consumo de luxo é total desperdício. Tanto é desperdício para os trabalhadores suportar um Mercedes Benz ou um aparelho de alta-fidelidade como importar os bens intermediários e as matérias primas para produzi-los dentro do Brasil.

Entretanto, uma parte do que já foi gasto em importações e transformado em dívida externa ainda pode ser recuperado. Quando o material e as máquinas importadas serviram para construir fábricas, realizar investimentos, é preciso saber se é possível mudar a produção dessas fábricas de bens de luxo para bens de consumo dos trabalhadores.

Muitas vezes isto será possível. Mas é claro que, se aumentarmos a produção de bens de consumo dos trabalhadores devemos também aumentar seus salários para que eles possam comprar os bens produzidos. Já vimos em muitos artigos do Grupo Economia e Povo que isto é perfeitamente possível do ponto de vista econômico, como é possível importar menos mercadorias desnecessárias para os trabalhadores e reduzir nossas dívidas no estrangeiro. Mas para isso é preciso mudar o tal “modelo de desenvolvimento” do Governo. E isto só será possível se os trabalhadores organizarem. (O São Paulo, 19/07)